



- *Tudo é justo*, nova série da Disney+, estreia nesta terça
- No mesmo dia, a 2ª temporada de *Round 6: O desafio* chega ao catálogo da Netflix
- Novo documentário da HBO Max, *Meu Ayrton* por Adriane Galisteu estreia na quinta

TV GLOBO / Nelson Di Rago



Glória Menezes (Laurinha), Tony Ramos (Edu) e Regina Duarte (Maria do Carmo), em *Rainha da Sucata*

Me chama que eu volto

Trinta e cinco anos após sua estreia, *Rainha da Sucata* retorna amanhã à grade da Globo pelo *Vale a pena ver de novo*. Exibida originalmente em 1990, a novela escrita por Silvio de Abreu e dirigida por Jorge Fernando foi concebida para celebrar os 25 anos da emissora e, desde então, consolidou-se como um dos marcos mais emblemáticos da teledramaturgia brasileira. Sua volta, em 2025, coincide com outro marco histórico — os 60 anos da Globo —, o que torna essa reprise uma celebração dupla: de uma era e de um estilo de contar histórias que moldou gerações.

Rainha da Sucata capturou o espírito de um país em transição: os anos 1990 nasciam sob o fim da década de ouro do consumo, a inflação galopava, e a ascensão de uma nova classe média incomodava os resquícios da aristocracia paulista que via sua fortuna se esvair no confisco do então presidente Collor. O enredo, centrado no confronto entre o luxo de fachada e a decadência real, expunha o choque de valores de forma divertida, crítica e atual — o que explica a permanência da novela no imaginário popular.

Além de explorar com maestria o contraste entre a elite decadente e os novos-ricos, a trama consagrou duas personagens inesquecíveis: a mocinha forte e determinada Maria do Carmo, vivida por Regina Duarte, e a vilã elegante e ardilosa Laurinha Figueroa, interpretada por Glória Menezes — com o playboy Edu (Tony Ramos) no centro da disputa. O embate entre as duas se tornou um dos grandes duelos femininos da teledramaturgia.

O elenco, de peso quase inigualável, contava ainda com Aracy Balabanian — a icônica dona Armênia e seus três “filhinhas” —, Antônio Fagundes, Renata Sorrah, Raul Cortez, Claudia Raia, Paulo Gracindo, Claudia Ohana, Gianfrancesco Guarnieri, Cleyde Yáconis, Lolita Rodrigues, Daniel Filho, Andrea Beltrão, Marcello

Novaes, Patrícia Pillar e a estreante Marisa Orth. O primeiro capítulo, aliás, teve participações especiais de Marília Pêra, Lima Duarte e Fernanda Montenegro — uma verdadeira ode ao talento brasileiro.

A novela foi um fenômeno de audiência e um sucesso de crítica, marcada por uma direção vibrante e um humor sofisticado. A abertura, com a boneca feita de sucata dançando ao som de *Me chama que eu vou*, tornou-se um ícone da cultura pop nacional, sintetizando o espírito kitsch e ousado de uma década que oscilava entre o glamour e o improviso.

Mas o verdadeiro trunfo de *Rainha da Sucata* está na sua capacidade de traduzir o Brasil de sua época sem perder a humanidade dos personagens. Silvio de Abreu uniu crítica social, melodrama e farsa numa mistura irresistível que refletia o cotidiano com ironia, emoção e inteligência.

Do ponto de vista contemporâneo, a reprise é uma oportunidade rara de reencontro com um modelo de novela que priorizava o diálogo, o carisma e o conflito humano acima do efeito. Ao mesmo tempo, exige do espectador um olhar contextualizado: certos comportamentos e discursos pertencem a um outro tempo e devem ser revistos com consciência crítica — sem revisionismos, mas com entendimento histórico.

Sua volta ao ar, portanto, é mais do que uma homenagem a um clássico — é um lembrete do quanto a telenovela foi, e continua sendo, um espelho do Brasil. Em um tempo em que as histórias se fragmentam em telas, algoritmos e pressas, novelas como essa lembram o poder do folhetim de unir o país em torno de uma mesma trama — de rir, sofrer e se reconhecer coletivamente. São obras que resistem porque tocam em algo essencial: o desejo de ver nossas contradições refletidas com humor, exagero e humanidade. É revisitar não apenas uma história, mas uma maneira de sentir. E, talvez, seja justamente isso o que a tevê brasileira mais precisa reencontrar.



Liga

Três Graças está há duas semanas no ar e já disse a que veio. É um novelão clássico, com trama envolvente, drama real, vilões que o público ama odiar, excelentes atuações e uma direção sem nenhuma preguiça de exagerar nos closes que captam as melhores reações.



Desliga

A Record anunciou que irá voltar a produzir novelas contemporâneas, mas deixou claro que não perderá a essência cristã das produções. Enquanto isso, *A fazenda* segue o caminho extremo oposto do que a empresa prega na dramaturgia.